

LITERACIAS E EDUCAÇÃO MUDIÁTICA: A IDENTIFICAÇÃO DE DESINFORMAÇÃO POR ALUNOS E PROFESSORES NO BRASIL

LITERACIES AND MEDIA EDUCATION: THE IDENTIFICATION OF DISINFORMATION BY STUDENTS AND TEACHERS FROM BRAZIL

ALFABETIZACIONES Y EDUCACIÓN EN MEDIOS: IDENTIFICACIÓN DE LA DESINFORMACIÓN POR ESTUDIANTES Y PROFESORES EN BRASIL

Adinan Nogueira

■ Possui graduação em Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado (1992), pós-graduação em Gestão Estratégia de Marketing pela PUC-MINAS, e mestrado em Administração e Desenvolvimento Organizacional - Superintendência Nacional da CNEC (2007). É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Lusófona (Lisboa/Portugal). Também é diretor da Agência Cervantes Montenegro, professor assistente IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e professor na Unifae. Tem experiência na área de marketing e comunicação, atuando principalmente em propaganda.

■ *Es licenciado en Publicidad por la Fundación Armando Álvares Penteado (1992), posgrado en Gestión de Estrategias de Marketing por la PUC-MINAS y maestría en Administración y Desarrollo Organizacional - Superintendencia Nacional de la CNEC (2007). Tiene un Doctorado en Ciencias de la Comunicación por la Universidad Lusófona (Lisboa/Portugal). También es director de la Agencia Cervantes Montenegro, profesor asistente IV de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais y profesor de la Unifae. Tiene experiencia en el área de marketing y comunicaciones, desempeñándose principalmente en publicidad.*

■ E-mail: adinan@agenciacervantes.com

Diego de Deus

■ Mestrando em Comunicação pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH/UFMG. Pesquisador de temáticas relacionadas à desinformação e educação midiática (media literacy e transmedia literacy) e seus desdobramentos epistemológicos e empíricos. Integrante do Grupo de Pesquisa em Mídia, Semiótica e Pragmatismo - MediaAção (UFMG/CNPq).

■ *Estudiante de Máster en Comunicación en la Facultad de Filosofía y Ciencias Humanas - FAFICH/UFMG. Investigador en temas relacionados con la desinformación y la educación mediática (alfabetización mediática y alfabetización transmediática) y sus desarrollos epistemológicos y empíricos. Miembro del Grupo de Investigación en Medios, Semiótica y Pragmatismo - MediaAção (UFMG/CNPq).*

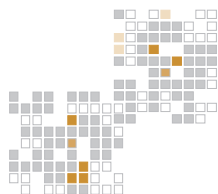
■ E-mail: diegodeus.bot@gmail.com

Ariely Masetti

■ Gestora Comercial formada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais e atualmente graduanda em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na PUC Minas em Poços de Caldas. Possui experiência acadêmica internacional, tendo estudado na Universidade do Algarve, em Faro, Portugal. Na PUC Minas, desempenhou o papel de auxiliar no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, além de atuar como bolsista no Projeto de Iniciação Científica, onde desenvolveu pesquisa sobre Literacias e Educação Midiática.

■ *Gerente Comercial egresado del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Sur de Minas Gerais y actualmente estudiando Comunicación Social - Publicidad en la PUC Minas en Poços de Caldas. Tiene experiencia académica internacional, habiendo estudiado en la Universidad del Algarve, en Faro, Portugal. En la PUC Minas, desempeñó el rol de asistente del Centro de Estudios e Investigaciones en Comunicación, además de actuar como becario del Proyecto de Iniciación Científica, donde desarrolló investigaciones sobre Alfabetizaciones y Educación en Medios.*

■ E-mail: ariely.masetti@sga.pucminas.br



RESUMO

Analisou-se a habilidade de professores e alunos do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas no Brasil, em identificar fake news. Observou-se também o possível impacto que conteúdos educativos relacionados à desinformação podem oferecer aos respondentes ao analisar informações potencialmente falsas. Os resultados apontam a insuficiência de apenas explicar o que é informação falsa e como verificar, e sugere a necessidade da elaboração de planos pedagógicos e curriculares a longo prazo que estimulem o pensamento crítico sobre o papel da mídia e do consumo de informações.

PALAVRAS-CHAVE: DESINFORMAÇÃO; EDUCAÇÃO MIDIÁTICA; LITERACIAS; ENSINO MÉDIO.

ABSTRACT

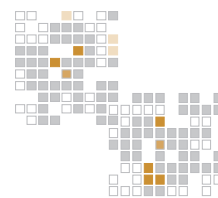
The ability of high school teachers and students, from public and private schools in Brazil, to identify fake news was analyzed. We also observed the possible impact that educational content related to misinformation can offer respondents when analyzing potentially false information. The results point to the insufficiency of simply explaining what false information is and how to check it, and suggest the need to develop long-term plans that encourage critical thinking about the role of the media and information consumption.

KEY WORDS: DISINFORMATION; MEDIA EDUCATION; LITERACIES; HIGH SCHOOL.

RESUMEN

Se analizó la capacidad de profesores y estudiantes de secundaria, de escuelas públicas y privadas de Brasil, para identificar noticias falsas. También observamos el posible impacto que el contenido educativo relacionado con la desinformación puede ofrecer a los encuestados al analizar información potencialmente falsa. Los resultados apuntan a la insuficiencia de explicar simplemente qué es la información falsa y cómo comprobarla, y sugieren la necesidad de desarrollar planes a largo plazo que fomenten el pensamiento crítico sobre el papel de los medios y el consumo de información.

PALABRAS CLAVE: DESINFORMACIÓN; EDUCACIÓN EN MEDIOS; ALFABETIZACIONES; ESCUELA SECUNDARIA.



1. Introdução

Para Delmazo e Valente (2018), o desenvolvimento das redes sociais on-line possibilitou novas formas de se comunicar e de se ter acesso a diferentes tipos de informações (De Deus e Nogueira, 2022). Contudo, o ambiente digital também potencializou a criação e o compartilhamento em massa de conteúdos em diversas plataformas e, neste contexto, figuram as informações falsas – popularmente chamadas de *fake news* – e a partir disso, caracterizou-se o fenômeno da desinformação, compreendido aqui, como um processo complexo relativo às crenças e construção sócio-comunicacional que implica, principalmente, no compartilhamento de informações falsas no ecossistema midiático digital (De Deus, 2023).

Diante de um ambiente pautado em uma grande quantidade de informações dispostas em diversos meios, criou-se também um mercado de produção de informações fraudulentas movido por vários interesses, sejam eles políticos, econômicos ou pessoais (Marshall, 2017). Nesta perspectiva, Marshall (2017) caracteriza a desinformação como um fenômeno endêmico da sociedade contemporânea, isto é, reconhece não se tratar de algo recente, mas remonta a um fenômeno que se apropria das características inerentes à contemporaneidade para alcançar patamares jamais vistos. Entre estas características é possível citar as dimensões sócio-técnicas da comunicação contemporânea, radicalização política e ideológica, além da configuração econômica e mercadológica contemporânea – que vê a desinformação também como um produto. Neste cenário, é impossível discriminar as possíveis suscetibilidades de públicos mais jovens, usuários de plataformas digitais, no que diz respeito aos efeitos da desinformação.

No Brasil, de acordo com um levantamento da

TIC Kids Online Brasil 2022, 96% dos utilizadores da internet com idades entre nove e 17 anos acessam a rede diária ou quase diariamente. O TikTok e o Instagram são as duas redes sociais mais utilizadas, com 86% das respostas. A faixa etária de 11 e 12 anos prefere o TikTok, com 46% das respostas; já o Instagram tem 51% de adesão entre os jovens com idades entre 15 e 17 anos. No total, o estudo contou com a participação de 2.604 crianças e adolescentes e 2.604 pais e/ou responsáveis. Segundo o levantamento, a amostra reflete o hábito de cerca de 26,6 milhões de crianças e adolescentes no Brasil.

Neste cenário, a fim de trabalhar uma sociedade mais precavida aos efeitos da desinformação, algumas iniciativas foram tomadas recentemente a nível global, com a instauração de programas, currículos e cartilhas voltadas à educação midiática, sobretudo no ambiente escolar; uma das possibilidades em desenvolver capacidades críticas sobre o papel da mídia e do consumo de informação. Tais alternativas seriam potentes em mitigar os efeitos da desinformação. O foco geralmente são as futuras gerações, no entanto, é necessário levar em conta a formação contínua de docentes voltada a esta temática.

Leva-se em conta, inclusive, as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo fornecido pelo Ministério da Educação do Brasil – que serve como referência obrigatória para a formulação de propostas pedagógicas direcionadas a escolas públicas e privadas. No documento, desde 2018, ressalta-se a necessidade de trabalhar o tema *fake news* como objeto de interesse na educação básica, principalmente em disciplinas cuja a interpretação de texto é mais exercida como em Língua Portuguesa (Brasil, 2018).

No Brasil, também existe o EducaMídia, um programa voltado à educação midiática,



vinculado ao Instituto Palavra Aberta¹, que visa trabalhar na formação contínua de professores com o intuito de engajar a sociedade civil em processos de educação midiática, sobretudo, os jovens. A desinformação passou a ser o foco do programa desde 2020, quando as preocupações sobre o fenômeno começaram a ganhar proporção no país.

Perante isso, o objetivo geral do presente estudo é analisar o nível de habilidade que professores e alunos do ensino médio, de escolas públicas e particulares, possuem na identificação de desinformação e o possível impacto que conteúdos educativos sobre desinformação podem oferecer.

Primeiro, os participantes responderam a um questionário e classificaram, como verdadeiras ou falsas, informações apresentadas. Depois, foram disponibilizados vários vídeos educativos sobre desinformação. Após assistirem, alunos e professores responderam a um segundo questionário e realizaram novos testes a fim de comparar o aproveitamento entre as duas fases e se o contato com os vídeos educativos teve algum efeito em uma hipotética diferença de aproveitamento. Do mesmo modo, outras implicações, como possíveis diferenças no aproveitamento de identificação de informações potencialmente falsas entre escolas públicas e privadas e questões socioeconômicas foram analisadas.

2. Desinformação e *fake news*

Para Brisola (2018), a desinformação é um conceito associado inicialmente a estratégias militares de contrainformação e espionagem, estendendo-se aos meios de comunicação. Esta problemática pode manifestar-se tanto em obras históricas quanto em discursos políticos, assim

como em quadrinhos ou periódicos de grande circulação, por meio de discursos satíricos.

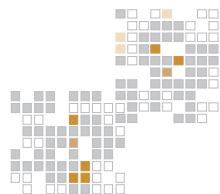
Serrano (2010) destaca que o fenômeno não se restringe a ações isoladas, mas a uma rede complexa de estratégias que constroem intencionalmente um cenário específico. A desinformação abrange informações descontextualizadas, fragmentadas e manipuladas capazes de distorcer a realidade (Serrano, 2010).

De Paula Brito e Pinheiro (2015) identificam algumas interpretações deste conceito. A primeira a compreende como falta de informação, entendendo-o como a ignorância de um indivíduo em relação ao conhecimento relevante. Esta perspectiva associa desinformação à medida cultural, caracterizando-a como um indicador de ausência de cultura.

A segunda interpretação relaciona-se ao fornecimento de informações de baixo nível cultural, resultando no enfraquecimento de determinados setores sociais. Neste caso, a elite disseminaria desinformação para manter o poder e preservar seus interesses (De Paula Brito; Pinheiro, 2015). A terceira abordagem considera a desinformação como uma ação deliberada para enganar. Ela envolve a disseminação intencional de informações falsas para influenciar a opinião pública.

A par da desinformação, observa-se o crescimento das chamadas *fake news*. Alves e Maciel (2020) revisitam diversas definições de *fake news* encontradas na literatura especializada. O propósito dos autores foi assegurar uma compreensão mais precisa do fenômeno, funcionamento e limites.

Reilly (2018) apud Alves e Maciel (2020), afirma que *fake news* refere-se a informações de diversas fontes que são apresentadas como verdadeiras, mas são fabricadas ou exageradas ao ponto de não refletirem a realidade. Além disso, tais informações atuam com o intuito explícito de enganar ou confundir. Para Torres et al., (2018)



¹ Disponível em: <https://educamidia.org.br/quem-somos>

apud Alves e Maciel (2020), recentemente, a definição popular de *fake news* passou por uma evolução, sendo comumente utilizada para descrever narrativas enganosas disseminadas de maneira maliciosa por fontes que aparentam ser legítimas. Neste sentido, compreende-se *fake news* ou informações falsas como parte de um fenômeno mais complexo, a desinformação, assim como informações descontextualizadas, satíricas, etc.

Diante deste panorama, ressalta-se a necessidade de reflexões contínuas para orientar futuras políticas públicas relacionadas à desinformação. Destaca-se a importância de uma sociedade informada e engajada no mundo digital, capacitada para enfrentar os desafios tecnológicos, comunicacionais, informativos e mesmo sociais.

Nesse contexto, a promoção da educação midiática emerge como um pilar fundamental. Ao cultivar uma população mais crítica e consciente, a educação midiática contribui para mitigar os efeitos prejudiciais da desinformação, fortalecendo a resiliência da sociedade diante dos desafios do cenário digital informativo.

3. Literacias e educação midiática

O século XXI é caracterizado pelo intenso fluxo de informações e pelo avanço tecnológico, marcando uma era de aceleração social. Rosa (2021), Crary (2013) e Citelli (2015), apontam que essa aceleração traz uma série de consequências relacionadas à circulação do conhecimento. Diante dessa profusão de informações, torna-se um desafio discernir o que realmente é relevante, verdadeiro e mesmo falso.

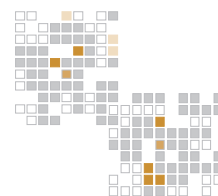
Nesse contexto, Spinelli e Santos (2019) compreendem que enfrentar o desafio de desenvolver habilidades que permitam às crianças e jovens adotar uma postura crítica em relação à mídia requer uma união de esforços de diversos atores, como governo, sociedade

civil, escolas, veículos de mídia e universidades. É essencial estabelecer políticas públicas que reconheçam a educação midiática como uma área interdisciplinar. Na definição de Pinto et al. (2011), a educação midiática é caracterizada como algo integrador, abrangendo conhecimentos, habilidades e competências relacionados ao acesso, uso esclarecido, pesquisa e análise crítica da mídia, além das capacidades de expressão e comunicação por meio destes ambientes.

Chaves e Melo (2019), indicam que, dado que grande parte da informação no ambiente digital alcança os cidadãos por meio de diversas tecnologias (mídias impressas, audiovisuais, digitais e móveis), torna-se essencial desenvolver habilidades de leitura crítica em relação aos diferentes tipos de mídia. De acordo com Morin (2000), a definição de educação midiática engloba um conjunto de habilidades, conhecimentos e competências destinadas ao acesso, utilização, pesquisa e análise crítica de mídia.

No que diz respeito ao desenvolvimento de competências fundamentais para a compreensão e participação efetiva na sociedade contemporânea, Cerigatto (2020) denota que as organizações globais como a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO) e a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) têm advogado pela integração de dois domínios que comportam ações de educação midiática: literacia midiática e informacional. Ambos os campos proporcionam habilidades essenciais para lidar com desafios comuns, como a avaliação da informação, especialmente relevante no contexto digital, unindo competências dessas duas áreas no enfrentamento à desinformação.

Conforme Soares (2006), literacia corresponde à tradução direta do termo *literacy* na língua inglesa. Sob a perspectiva etimológica, *littera* (de origem latina), significa letra e o sufixo “*cy*” denota qualidade, estado ou condição. A autora



afirma que a utilização do termo é variada; como propriamente *literacia*, em Portugal; alfabetização em países de língua espanhola e mesmo letramento, como no Brasil. No entanto, a expressão *literacia* passou a ser recorrentemente utilizada nos estudos brasileiros que se debruçam na temática (De Deus; Nogueira, 2022). Portanto, optou-se pelo emprego do termo *literacia* nesta pesquisa, até para facilitar a compreensão dos leitores que não são familiarizados com a expressão “letramento” que, conforme dito, se restringe ao cenário brasileiro.

Ainda segundo Soares (2006), *literacia* implica na condição de um indivíduo letrado, diferentemente de alguém alfabetizado. Segundo Kelles (2023) a alfabetização pressupõe uma dicotomia entre indivíduos que sabem ler e escrever face às pessoas que não sabem. A noção de *literacia* diz respeito a um processo contínuo de aprendizagem e prática que envolve vários níveis de complexidade. Na alfabetização o indivíduo é dotado da capacidade de ler e escrever; sob a ótica da *literacia* o indivíduo é capaz de aplicar ações resultantes de práticas sociais a partir da leitura e escrita e envolve, entre outras questões, reflexões críticas, interpretações de mensagens e o uso dado a este conhecimento adquirido (Soares, 2006).

É neste cenário que emerge o recorrente acionamento teórico relacionado à *literacia* em estudos contemporâneos acerca da desinformação. Kanozia, Sasidharan e Arya (2022) fizeram um levantamento de 2.077 artigos com um recorte de 2010 a 2020. O objetivo do estudo foi o de trazer apontamentos para compreender em que medida a o letramento crítico sobre a mídia e as informações advindas dela é eficaz para conter o fenômeno desinformativo na sociedade contemporânea.

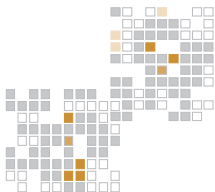
Após uma seleção de 55 artigos do *corpus* total e uma análise quantitativa e temática, os autores chegaram a três conclusões principais

de alternativas que podem colaborar para conter as informações falsas: a) letramento midiático e informacional; b) avanços tecnológicos para reduzir a quantidade de informações falsas e; c) regulamentações governamentais sobre o compartilhamento e profusão de informações falsas. Os autores destacam, especialmente, a importância da *literacia* informacional e midiática como uma alternativa eficaz para conter os efeitos das informações falsas na sociedade contemporânea.

Para Gallotti, Santos e De Souza (2015), o conceito de *literacia* informacional surge da percepção da necessidade de destacar habilidades tanto técnicas (relacionadas ao acesso e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação) quanto cognitivas (envolvendo interpretação, decodificação e apropriação) da informação para a interação e comunicação com indivíduos que compartilham os mesmos ambientes.

Nesse contexto, para Dudziak (2011) a *literacia* informacional é como um processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais e de habilidades essenciais para a compreensão e interação permanente com o universo informacional. Este processo visa proporcionar aprendizado ao longo da vida, permitindo ao indivíduo tornar-se mais apto a enfrentar as demandas estabelecidas na sociedade do conhecimento. Para Belluzzo (2005), a *literacia* informacional abrange o conjunto de habilidades necessárias para reconhecer a necessidade de buscar informação, identificá-la, localizá-la e utilizá-la na produção de novo conhecimento.

Portanto, ser considerado letrado em termos informacionais implica possuir a habilidade de acessar e utilizar informações em diversos gêneros e por meio de qualquer tipo de dispositivo. Essa competência é crucial para a construção ou aprimoramento do conhecimento, com o intuito de resolver problemas e/ou tomar decisões. Nesta dinâmica, está incluída a *literacia* midiática.



Conforme Dudziak (2011), a literacia midiática tem historicamente concentrado na análise dos meios de comunicação de massa, surgindo como campo de estudo nas décadas de 1960 e 70. A UNESCO destaca que a literacia midiática direciona-se ao processo de prospecção, análise e compreensão da natureza da comunicação de massa em comparação com a literacia da informação. Isso resulta no aumento do conhecimento sobre as técnicas empregadas nesses processos, a forma como constroem realidades, sua organização e o impacto dos meios de comunicação em temas relevantes à sociedade.

A defesa em utilizar da literacia midiática como uma das maneiras de desenvolver nos indivíduos habilidades críticas midiáticas como forma de mitigar os efeitos da desinformação está presente em vários trabalhos no Brasil. Mas também em outros países, justamente por motivar o desenvolvimento de um senso crítico sobre o papel da mídia na contemporaneidade e, junto dela, aos riscos causados por conteúdos potencialmente desinformativos (Kelles, 2023).

A UNESCO desde 2013 integra a literacia midiática e a literacia informacional em um único domínio: literacia midiática e informacional (AMI²) (Tropiano, 2021). Ao considerar a interseção dessas literacias, é viável acioná-las de maneira conjunta, especialmente reconhecendo que informar é uma das funções essenciais da mídia.

A literacia midiática e informacional, como estratégia para enfrentar os impactos sociais da desinformação, é respaldada por organizações e acadêmicos (Tropiano, 2021). Argumentam

ainda que o desenvolvimento dessa literacia não deve ficar restrito ao ambiente escolar, por meio da incorporação nos currículos, mas deve ser promovido por diversas áreas e setores.

Marquette (2020) enfatiza a diferença entre uma educação para a mídia e de uma educação através da mídia. A literacia midiática, portanto, não trata de utilizar as diferentes mídias como uma ferramenta, uma ajuda audiovisual na sala de aula ou em qualquer outro ambiente. Essa concepção vai ao encontro de uma educação por meio da mídia e, não, uma educação para a mídia.

Para a autora, as iniciativas vistas no Brasil contemporaneamente dizem muito mais a ações que incluem mídias em sala de aula, de modo a auxiliar as tarefas escolares e a aprendizagem, do que uma efetiva educação para a mídia. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Palavra Aberta, em 2022, com 435 professores da educação básica da rede pública brasileira, mostrou que 85% dos professores utilizam mídias com frequência em sala de aula. Além disso, 97% as utilizam para relacionar o tema curricular com um acontecimento atual ou para detalhar temas e conceitos específicos das respectivas disciplinas. Todavia, uma das conclusões do estudo foi que o uso de mídias pelos educadores, em geral, não significa que estejam implementando práticas voltadas à educação midiática.

É sob esta perspectiva que o presente trabalho buscou observar o nível de habilidade em identificação de conteúdos desinformativos por parte de alunos e professores. Além disso, averiguar, em que medida, é possível observar níveis de literacia midiática e informacional a partir dos resultados obtidos.

4. Método

A proposta possui caráter experimental em três fases. A primeira delas, feita com medição quantitativa, seguida do envio de conteúdo

2 A UNESCO utiliza a expressão “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI), em seu currículo em língua portuguesa, para se referir ao processo do desenvolvimento de habilidades midiáticas e informacionais aos cidadãos. No entanto, a escolha por “alfabetização” por parte da entidade, não passa de uma opção de tradução do documento original em inglês “literacy”.



audiovisual educativo acerca de desinformação (que foi produzido por integrantes da equipe desta pesquisa e estudantes dos cursos de Comunicação Social da PUC Minas Poços de Caldas). A última fase se baseia em uma nova medição quantitativa para avaliar se o aproveitamento dos alunos e professores em relação à identificação de desinformação se alterou ou se manteve em relação às respostas obtidas na primeira fase.

O conteúdo audiovisual produzido e utilizado no experimento, é o podcast “Fala Verdade”³ (gravado em áudio e imagem). Para esta pesquisa, utilizou-se cortes que variaram de um a três minutos. No total, foram sete vídeos que abordaram: os diferentes tipos de desinformação; alertas que podem indicar a falsidade de um conteúdo; exemplos de *fake news* e análises sobre eles; alternativas para checar um conteúdo e; o trabalho de agências de verificação.

Para atender ao primeiro estágio da pesquisa, criou-se dois tipos de questionários on-line: um ao grupo de professores e um aos alunos. Cada questionário trabalhou com questões específicas a respeito da desinformação e testes de identificação de informações falsas.

As informações falsas, por sua vez, foram dispostas em conjunto às notícias e divididas em temas como: política, saúde pública e meio-ambiente. As informações fraudulentas foram selecionadas a partir da bibliografia utilizada e as características a um conteúdo capaz de caracterizá-lo como desinformativo. Após realizada a primeira etapa, os questionários foram adaptados para uma nova medição e avaliação, que ocorreu após os respondentes assistirem aos vídeos educativos relacionados à desinformação.

O presente estudo contou com a participação

de escolas públicas e privadas de oito cidades brasileiras e foi realizado entre maio e agosto de 2023. Entre elas, sete de Minas Gerais e uma do estado de São Paulo. As escolas foram contatadas diretamente pela equipe de investigadores, bem como por meio de chamadas nas redes sociais para recrutar ex-alunos ou interessados em atuar como mediadores na relação com as unidades.

Dada a dificuldade de conseguir uma equivalência em todas as escolas, foram notados déficits entre o número de participantes de cada unidade. No entanto, conforme os objetivos desta pesquisa de natureza experimental, exploratória e descritiva, observamos que este fato não implicaria maliciosamente na análise dos resultados. O estatístico que realizou as análises deste trabalho também foi consultado para saber da validade de tal método.

A aplicação dos questionários aos professores foi feita pela direção das unidades, previamente instruída. Já aos alunos, a aplicação foi feita pelos próprios professores em sala de aula.

A partir das informações coletadas, o banco de dados foi encaminhado a um estatístico para a análise técnica. Tal análise foi conduzida por métodos estatísticos descritivos. Como se trata de variáveis categóricas, foram empregadas frequências absolutas e relativas.

Primeiramente foi descrito o perfil dos participantes e, a seguir, foram apresentadas as distribuições de frequências das respostas dos estudantes e professores com relação às questões sobre notícias, antes e após o contato com o conteúdo educativo sobre desinformação (vídeos “Fala Verdade”). Os recursos adicionais foram elaborados com o intuito de proporcionar uma compreensão mais abrangente da metodologia empregada e facilitar a replicação ou revisão da pesquisa.

Posteriormente, outros tipos de análise foram feitas a fim de verificar possíveis diferenças relacionadas às classes socioeconômicas ou

3 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=elPYO0B3LN4&list=PLVKBK42DDUpAjxkeIAXUCW_1vbMcfh3Oi&pp=gAQB
iAQB

tipo de escolas. As porcentagens de acertos foram descritivas com médias, desvios padrão, medianas, valores mínimos e máximos. A comparação das porcentagens de acertos entre escolas públicas e particulares foi efetuada pelo teste não paramétrico de Mann Whitney. Já a comparação entre diferentes classes de renda foi realizada pelo teste não paramétrico de Kruskal Wallis. O software R foi empregado em todas as fases de análise, adotando-se um nível de significância de 5%.

4.1 Instrumentos

Os materiais foram escolhidos com base em conteúdo verificado por agências de checagem. Entre o conteúdo escolhido para as duas fases, optou-se por informações similares de modo a equiparar o nível de dificuldade. Em nenhuma das fases, os participantes souberam se acertaram ou erraram. Nas duas etapas, foram utilizados cinco vídeos e duas imagens.

Fase 1

1. *Deepfake* (vídeo e áudio manipulados) em que William Bonner dá a notícia de que Bolsonaro liderava uma pesquisa de intenção de votos, realizada pelo DataFolha nas eleições presidenciais do Brasil, em 2022 (falso)
2. Vídeo documental de uma TV inglesa que revela a “verdade” dos infiltrados petistas nos ataques do 8 de janeiro de 2023. Além disso, o vídeo explica de que maneira o Brasil caminha para uma ditadura liderada ministro Alexandre de Moraes (falso)
3. Vídeo narrado que apresenta “evidências” que indicam para o fato de o coronavírus ter sido um ataque biológico (falso)
4. *Deepfake* que mostra o momento em que o empresário e ex-presidente norte-americano, Donald Trump, é preso por sonegação de imposto. O vídeo é

acompanhado da narração de um jornalista (falso)

5. Químico autodidata apresenta “evidências” de que o álcool gel ajudava na contaminação do coronavírus (falso)
6. Imagem da página de Instagram “O Sensacionalista”⁴. A publicação apresenta imagens do 8 de janeiro com a legenda: “vídeo exhibe Lula mostrando a porta de saída a ministro do GSI que ajudou terroristas”. (Falso, conteúdo satírico)
7. Captura de tela de uma notícia que apresentava o resultado de uma pesquisa que dava conta de que brasileiros confiavam mais em Bolsonaro do que em William Bonner no contexto eleitoral brasileiro de 2022 (verdadeiro).

Fase 2

1. *Deepfake* de Donald Trump questionando Bolsonaro sobre o dinheiro recebido por Michelle Bolsonaro, de Fabrício Queiroz (falso).
2. Vídeo, narrado em Inglês, mas legendado em Português, que apresenta dados de que o governo Bolsonaro foi um dos maiores preservadores ambientais da história brasileira (falso).
3. Vídeo disponível no portal de notícias G1 que mostra um caixão sendo desenterrado com pedras dentro. O vídeo é de 2017, foi descontextualizado, e atrelado às “falsas mortes” causadas pela pandemia (falso).
4. Vídeo que mostra um pai desesperado após o filho morrer depois de receber a vacina contra covid-19 (falso).

4 Trata-se da página de humor no Instagram “O Sensacionalista: o jornal isento de verdade”. Por meio de manchetes e fotos, a página imita a linguagem e o formato jornalísticos, porém, publica apenas conteúdos satíricos e humorísticos que, por suas vezes, possuem um forte potencial desinformativo se visto por alguém que não conhece a natureza da página. Disponível em: <https://www.instagram.com/jornalsensacionalista/>



5. Vídeo narrado por um youtuber que mostra uma suposta notícia de que cerca de 60 mil cientistas no mundo pedem o fim da vacinação contra covid-19 (falso).
6. Captura de tela de uma notícia do G1 que mostra a “previsão” feita no desenho “Os Simpsons”, ainda em 2014, de que, no futuro, haveria uma cédula de R\$200 (verdadeiro).
7. Publicação do “O Sensacionalista” que apresenta uma foto de Bolsonaro com a legenda: “OMS decretou fim da pandemia agora porque era só para atrapalhar meu governo”, diz Bolsonaro” (falso, conteúdo satírico).

Com base neste contexto, parte-se para a apresentação dos resultados obtidos.

5. Resultados

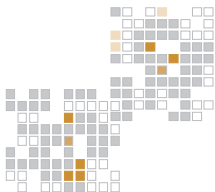
Apresenta-se inicialmente, os resultados obtidos por meio das respostas dos alunos e, na sequência, os resultados relativos aos professores participantes da pesquisa. Além disso, houve a participação de um grupo de controle dos alunos cujas respostas são apresentadas no final deste tópico.

5.1 Alunos

Participaram do estudo estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino médio, com idades entre 15 e 18 anos (Tabela 1). Ainda nesta tabela pode-se observar a distribuição da amostra de acordo com o município, a escola e a renda mensal familiar.

Tabela 1. Perfil dos estudantes participantes do estudo

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Ano do Ensino Médio	1º ano	79	26,9%
	2º ano	133	45,2%
	3º ano	82	27,9%
Idade	15 anos	50	17,0%
	16 anos	132	44,9%
	17 anos	89	30,3%
	18 anos	23	7,8%
Município	Poços de Caldas	177	60,2%
	Mococa	78	26,5%
	Andradas	19	6,5%
	Campestre	11	3,7%
	Bandeira do Sul	6	2,0%
	Belo Horizonte	1	0,3%
	Botelhos	1	0,3%
	Inconfidentes	1	0,3%



Escola	FUNVIC	78	26,5%	
	Colégio Jesus Maria José	70	23,8%	
	Colégio Pelicano	53	18,0%	
	Escola Estadual Arlindo Pereira	20	6,8%	
	Colégio Objetivo	19	6,5%	
	Escola Estadual Rui Barbosa	12	4,1%	
	Poliedro	21	7,1%	
	Centro Educacional Inovação	7	2,4%	
	Colégio Inovação	2	0,7%	
	CJMJ	1	0,3%	
	Colégio municipal doutor José Vargas de Souza	5	1,7%	
	E.E.Jose Bandeira de Carvalho	3	1,0%	
	Escola Municipal João Pinheiro	1	0,3%	
	Escola Profissional Dom Bosco	1	0,3%	
	Instituto Federal - Poços de Caldas	1	0,3%	
	Renda mensal da família	até R\$860	9	3,1%
		de R\$860 até R\$1.900	24	8,2%
de R\$1.900 até R\$3.200		45	15,3%	
de R\$3.200 até R\$5.700		76	25,9%	
de R\$5.700 até R\$10.800		96	32,7%	
de R\$10.800 até R\$22.800		44	15,0%	

FONTE – elaborada pelos autores, 2023

Na Tabela 2, entre outros resultados, observa-se que 91,5% dos estudantes buscam informações pelas redes sociais. Apesar de 55,8% acreditar que a TV é o meio de comunicação mais confiável, apenas 42,5% busca informações por ela. A

rede social mais utilizada para acessar notícias é o Instagram (62,2%). Na tabela, também é possível ver as respostas dos alunos quanto à possibilidade de professores já terem trabalhado o tema desinformação em sala de aula.

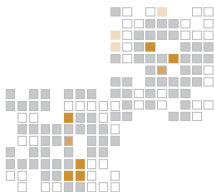
327



Tabela 2. Respostas dos estudantes sobre o consumo de informação e notícias (1ª fase) FONTE – elaborada pelos

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
¹ Por onde você costuma se informar sobre o que acontece no Brasil e no mundo?	Pelas redes sociais	269	91,5%
	Pela TV	125	42,5%
	Jornais digitais	73	24,8%
	Por meio de podcasts (notícias por áudios)	64	21,8%
	Revista digital	10	3,4%
	Jornais impressos	3	1,0%
	Não me informo	13	4,4%

Nas redes sociais, por qual tipo de perfil você costuma se informar?	Por páginas de veículos jornalísticos (G1, UOL, Estadão, R7, etc.)	184	62,6%
	Por perfis profissionais especialistas (professores, pensadores, cientistas, jornalistas)	136	46,3%
	Por publicações de amigos	86	29,3%
	Por perfis de políticos	37	12,6%
	Choquei	3	1,0%
	Perfil do Instagram	2	0,7%
	Outros	15	5,1%
Qual rede social você mais utiliza para acessar notícias?	Instagram	183	62,2%
	Twitter	54	18,4%
	Tik Tok	40	13,6%
	Whatsapp	16	5,4%
	Facebook	1	0,3%
Qual meio de comunicação você acha mais confiável para se informar?	TV	164	55,8%
	Redes sociais	77	26,2%
	Jornais impressos	31	10,5%
	Podcasts	17	5,8%
	Rádio	5	1,7%
Na sua escola, em alguma ocasião, independente da disciplina, algum (a) professor (a) já dedicou alguma aula para falar sobre <i>fake news</i> ?	Sim	251	85,4%
	Não	11	3,7%
Quantos (as) professores (as) já fizeram isso?	Não me lembro	32	10,9%
	Apenas um (a)	52	17,7%
	Dois (uas)	83	28,2%
	Três	42	14,3%
Quando o (a) professor (a) explicou o assunto na aula eu compreendi muito bem o que são <i>fake news</i> . Com relação à esta afirmação	Quatro ou mais	74	25,2%
	Concordo totalmente	133	45,2%
	Concordo	97	33,0%
	Não concordo, nem discordo	18	6,1%
Você já foi enganado por uma <i>fake news</i> ?	Discordo	3	1,0%
	Sim	149	50,7%
	Talvez	72	24,5%
	Não	33	11,2%
Se sua resposta foi “Sim” ou “Talvez” na pergunta anterior, sobre qual tema a <i>fake news</i> que você acreditou dizia respeito?	Não me lembro	39	13,3%
	Era sobre política	84	28,6%
	Era sobre a pandemia	55	18,7%
	Era sobre vacinas	23	7,8%
	Era sobre o meio ambiente	17	5,8%
	Futebol	6	2,0%
	Morte de pessoas famosas	4	1,4%
	Outros	33	11,2%
Não ou não me lembro	72	24,5%	



Você já compartilhou uma fake news em suas redes sociais, sabendo que era falso?	Sim	15	5,1%
	Sim, porém, compartilhei para alertar outras pessoas que era uma fake news	19	6,5%
	Não	222	75,5%
	Não me lembro	38	12,9%
De que maneira informações falsas podem se apresentar, na sua opinião?	Por meio de textos	32	10,9%
	Por meio de vídeos	14	4,8%
	Por meio de fotos	12	4,1%
	Por meio de áudios	2	0,7%
	Por todos os meios citados acima	234	79,6%
Você se diz capaz de reconhecer uma informação falsa?	Sim	122	41,5%
	Talvez	167	56,8%
	Não	5	1,7%

Fonte: autores, 2023.

Este paradoxo é especialmente interessante: ao passo em que as redes sociais são utilizadas como principal alternativa para o acesso de informação, elas não detêm a confiança deste público. Dessa forma, o consumo informacional pode ocorrer de maneira acrítica, seja pelo excesso de fontes (nem todas confiáveis) dispostas nestes meios, seja pela dinâmica acelerada do fluxo informacional que ocorre nestes ambientes, o que exigiria um alto grau

de literacia a fim delimitar informações e fontes confiáveis das potencialmente desinformativos.

Com relação à classificação das notícias pelos estudantes quanto a sua veracidade, antes do contato com os vídeos, apenas 43,2% identificou a notícia verdadeira. Com relação às notícias falsas, a porcentagem de identificação variou de 54,1% a 86,7% (Tabela 3).

Tabela 3. Classificação realizada pelos estudantes das informações apresentadas (1ª fase)

Notícias	Categoria	Frequência	Porcentagem
Bolsonaro e Bonner	Fake News	167	56,8%
	Notícia Verdadeira (correto)	127	43,2%
Deus, Pátria e Família! Bolsonaro aparece em primeiro nas pesquisas! Para a tristeza da #globalixo	Fake News (correto)	159	54,1%
A verdade está diante de nós... TV da Inglaterra transmite Questions Of Truth e conta a verdade sobre Alexandre de Moraes, Lula e infiltrados entre patriotas	Notícia Verdadeira	135	45,9%
	Fake News (correto)	233	79,3%
O coronavirus foi um ataque biológico? Algumas provas de que o vírus já existia e que tínhamos vários sinais de que teríamos uma pandemia	Notícia Verdadeira	61	20,7%
	Fake News (correto)	188	63,9%
	Notícia Verdadeira	105	35,7%



Sensacionalista	Fake News (correto)	250	85,0%
	Notícia Verdadeira	44	15,0%
Alcool em gel mais uma farsa da pandemia. Químico explica a ineficiência do álcool em gel contra o coronavírus	Fake News (correto)	255	86,7%
	Notícia Verdadeira	39	13,3%
O primeiro presidente dos EUA preso na história e ainda tenta fugir. O empresário Ex presidente norte-americano é preso por crime de sonegação de impostos	Fake News (correto)	191	65,0%
	Notícia Verdadeira	103	35,0%

FONTE – elaborada pelos autores, 2023

Os resultados indicam, por um lado, baixo nível de literacia no sentido de identificar conteúdos potencialmente desinformativos; por outro, confirmam uma sensação que foi relatada pelos estudantes e apresentada na tabela anterior: quase 57% dos discentes afirmaram que talvez sejam capazes de reconhecer uma informação falsa. Este dado ressalta a necessidade de o tema ser tratado em sala de aula. Embora a maioria tenha afirmado que isso já ocorreu, não ficou clara – até pelo viés quantitativo do estudo – a maneira como a temática foi tratada.

No entanto, a julgar pelos resultados, fica evidente uma certa discrepância entre o que

os estudantes pensam compreender como desinformação; a segurança em afirmar ser capazes de reconhecer uma informação falsa e a real habilidade para tal. Em linhas gerais, o baixo nível de literacia também se apresenta neste resultado, uma vez que o conhecimento teoricamente adquirido não é aplicado pragmaticamente.

Após assistir os vídeos, 56,7% dos estudantes acertaram a notícia verdadeira, conforme a Tabela 5. Com relação à identificação das notícias falsas, a porcentagem de acertos variou de 72,2% a 91,4%.

Tabela 5. Classificação realizada pelos estudantes das informações apresentadas após assistirem aos vídeos (2ª fase)

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Essa direita não para de passar vergonha. Querido pelo #genocida Bolsonaro, Trump ironiza presidente brasileiro e pergunta sobre dinheiro recebido pela esposa	Fake News (correto)	171	91,4%
	Notícia Verdadeira	16	8,6%
A verdade da preservação ambiental comparando o Brasil ao mundo. São fatos. Peço para enviar a amigos que morem no exterior. Presidente Jair Bolsonaro.	Fake News (correto)	135	72,2%
	Notícia Verdadeira	52	27,8%



60.000 Cientistas pedem o fim da vacinação. Informação foi publicada por jornais europeus e mostra os riscos que a vacina traz a nossa saúde.	Fake News (correto)	159	85,0%
	Notícia Verdadeira	28	15,0%
A picada maldita continua a fazer suas vítimas .Que tristeza !Quantos avisos foram dados, por bons médicos, mas os pais acharam melhor ouvir o JN, CNN, UOL... O tsunami já passou , mas as ondas começaram a chegar...	Fake News (correto)	171	91,4%
	Notícia Verdadeira	16	8,6%
Sensacionalista...	Fake News (correto)	154	82,4%
	Notícia Verdadeira	33	17,6%
Simpsons...	Notícia Verdadeira (correto)	106	56,7%
	Fake News	81	43,3%
Caixão é enterrado vazio durante ...	Fake News (correto)	156	83,4%
	Notícia Verdadeira	31	16,6%
Você acredita que suas habilidades para identificar informações falsas e prestar mais atenção sobre informações duvidosas aumentaram depois de participar desta pesquisa?	Sim	79	42,2%
	Talvez	71	38,0%
	Não	24	12,8%
	Não sei responder	13	7,0%

FONTE – elaborada pelos autores, 2023

A princípio, isso indica que os níveis de literacia tendem a aumentar após o contato com conteúdos explicativos acerca do fenômeno da desinformação. Mesmo de maneira um tanto superficial, o conteúdo educativo apresenta potencial, ao menos, para que os estudantes

se atentem a questões que poderiam passar despercebidas antes do contato com os vídeos.

5.2 Professores

A análise descritiva do perfil dos professores participantes é apresentada na Tabela 6.

Tabela 6. Perfil dos professores de ensino médio participantes do estudo

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Área do conhecimento que atua	Ciências Humanas e Sociais	15	44,1%
	Aplicadas	7	20,6%
	Linguagens	5	14,7%
	Ciências da Natureza	5	14,7%
	Exatas	2	5,9%
Idade	22 a 25	1	2,9%
	26 a 30	3	8,8%
	31 a 36	5	14,7%
	37 a 40	3	8,8%
	41 a 45	9	26,5%
	46 a 50	4	11,8%
	51 a 56	7	20,6%
	57 a 65	2	5,9%



Nível de escolaridade	Graduação completa	15	44,1%
	Especialista	9	26,5%
	Mestrado acadêmico	6	17,6%
	Mestrado profissional	1	2,9%
	Doutorado	2	5,9%
	Pós-doutorado	1	2,9%
Tipo de escola que leciona	Pública	21	61,8%
	Privada	9	26,5%
	Pública e privada	4	11,8%
Renda familiar	Em torno de R\$1.900	5	14,7%
	Em torno de R\$3.200	7	20,6%
	Em torno de R\$5.700	9	26,5%
	Em torno de R\$10.800	10	29,4%
	Em torno de R\$22.800	3	8,8%

FONTE – elaborada pelos autores, 2023

Observa-se na Tabela 7 que a maioria dos professores (76,5%) costuma se informar por jornais digitais. Além disso, 61,8% deles também se informam pelas redes sociais e 58,8% pela TV.

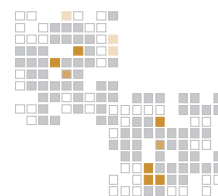
A rede social mais utilizada para acessar notícias é o Instagram (38,2%). Ainda que a maioria (52,9%) também ache a TV mais confiável. A tabela apresenta outros dados.

TABELA 7. Respostas dos professores sobre questões de notícias antes do contato com os vídeos (1ª fase)

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Por onde você costuma se informar sobre o que acontece no Brasil e no mundo?	Jornais digitais	26	76,5%
	Pelas redes sociais	21	61,8%
	Pela tv	20	58,8%
	Por meio de podcasts (notícias por áudios)	7	20,6%
	Revista digital	3	8,8%
	Jornais impressos	1	2,9%
	Revista	1	2,9%
	¹ Nas redes sociais, por qual tipo de perfil você costuma se informar?	Por páginas de veículos jornalísticos (G1, UOL, Estadão, R7, etc.)	27
Por perfis profissionais especialistas (professores, pensadores, cientistas, jornalistas)		26	76,5%
Por publicações de amigos		3	8,8%
Por perfis de políticos		2	5,9%
Entretenimento		1	2,9%
Jornalismo independente como opera mundo e tv 247		1	2,9%



Qual rede social você mais utiliza para acessar notícias?	Instagram	13	38,2%
	Facebook	9	26,5%
	Twitter	6	17,6%
	Whatsapp	5	14,7%
Qual meio de comunicação você acha mais confiável para se informar?	TV	18	52,9%
	Jornais impressos	9	26,5%
	Podcasts	4	11,8%
	Redes sociais	3	8,8%
Você já trabalhou o assunto fake news em sala de aula?	Sim	22	64,7%
	Não	10	29,4%
	Não me lembro	2	5,9%
De que maneira o assunto foi tratado?	Foi uma aula específica sobre o assunto, com um material levantado de minha parte previamente	13	38,2%
	Aconteceu de maneira espontânea, a partir de outro assunto que estava sendo abordado em aula	6	17,6%
	Aconteceu de maneira espontânea, após uma discussão levantada pelos alunos	3	8,8%
De que maneira ocorreram possíveis desdobramentos desta aula?	Os alunos realizaram atividades em sala de aula relacionadas às fake news	12	35,3%
	Não houve desdobramentos	8	23,5%
	Os alunos realizaram trabalhos relacionados às fake news	2	5,9%
Qual o nível de compreensão que você considera que os alunos tiveram a partir de sua explicação?	Regular	6	17,6%
	Bom	15	44,1%
		1	2,9%
	Ótimo		
Você teve dificuldades em abordar o tema fake news com os alunos?	Não	18	52,9%
	Um pouco	4	11,8%
Você já foi enganado por uma fake news?	Não	12	35,3%
	Sim	12	35,3%
	Talvez	6	17,6%
	Não me lembro	4	11,8%



Se sua resposta foi “Sim” ou “Talvez” na pergunta anterior, sobre qual tema a fake news que você acreditou dizia respeito?	Era sobre política	9	26,5%
	Era sobre a pandemia	6	17,6%
	Era sobre vacinas	2	5,9%
	Era sobre o meio ambiente	1	2,9%
Você já compartilhou uma fake news em suas redes sociais, sabendo que era falso?	Não	30	88,2%
	Não me lembro	2	5,9%
	Sim, porém, compartilhei para alertar outras pessoas que era uma fake news	2	5,9%
De que maneira informações falsas podem se apresentar, na sua opinião?	Por meio de fotos	2	5,9%
	Por meio de textos	2	5,9%
	Por meio de vídeos	1	2,9%
	Por todos os meios citados acima	29	85,3%
Você se diz capaz de reconhecer uma informação falsa?	Sim	15	44,1%
	Talvez	18	52,9%
	Não	1	2,9%

FONTE – elaborada pelos autores, 2023

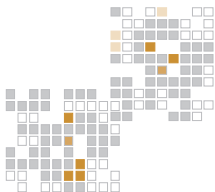
O padrão encontrado nas respostas dos alunos também é observado entre os professores. Apesar de a TV possuir o maior nível de confiança entre este público, ela não é a principal fonte de informação, o que demonstra a predominância das plataformas digitais na dieta informacional

de públicos de diferentes faixas etárias (alunos e professores).

No teste de verificação, as porcentagens de acerto nas *fake news* variaram de 58,8% a 88,2%, a Tabela 8 apresenta os resultados.

Tabela 8. Classificação realizada pelos professores sobre as informações apresentadas antes do contato com o conteúdo educativo (1ª fase)

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Bolsonaro e Bonner...	Fake News	20	58,8%
Deus, Pátria e Família! Bolsonaro aparece em primeiro nas pesquisas! Para a tristeza da #globolixo	Notícia Verdadeira (correto)	14	41,2%
	Fake News (correto)	25	73,5%
	Notícia Verdadeira	9	26,5%



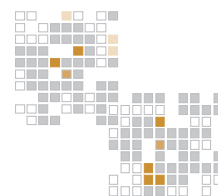
A verdade está diante de nós: TV da Inglaterra transmite Questions Of Truth e conta a verdade sobre Alexandre de Moraes, Lula e infiltrados entre patriotas	Fake News (correto)	27	79,4%
	Notícia Verdadeira	7	20,6%
A coronavirus foi um ataque biológico? Algumas provas de que o vírus já existia e que tínhamos vários sinais de que teríamos uma pandemia	Fake News (correto)	27	79,4%
	Notícia Verdadeira	7	20,6%
Sensacionalista...	Fake News (correto)	30	88,2%
	Notícia Verdadeira	4	11,8%
Álcool em gel: mais uma farsa da pandemia. Químico explica a ineficiência do álcool em gel contra o coronavírus	Fake News (correto)	29	85,3%
	Notícia Verdadeira	5	14,7%

FONTE – elaborada pelos autores, 2023

Após assistir aos vídeos, a porcentagem de acertos dos professores quanto à veracidade da notícia verdadeira foi de 57,1%. Já com relação às *fake news*, a porcentagem de acertos variou de 71,4% a 100%, conforme indica a Tabela 9.

Tabela 9. Classificação realizada pelos professores sobre as informações apresentadas após assistirem aos vídeos (2ª fase)

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Essa direita não para de passar vergonha. Querido pelo #genocida Bolsonaro, Trump ironiza presidente brasileiro e pergunta sobre dinheiro recebido pela esposa	Fake News (correto)	5	71,4%
	Notícia Verdadeira	2	28,6%



A verdade da preservação ambiental comparando o Brasil ao mundo. São fatos. Peço para enviar a amigos que morem no exterior. Presidente Jair Bolsonaro.	Fake News (correto)	6	85,7%
	Notícia Verdadeira	1	14,3%
60.000 Cientistas pedem o fim da vacinação. Informação foi publicada por jornais europeus e mostra os riscos que a vacina traz a nossa saúde.	Fake News (correto)	7	100,0%
	Notícia Verdadeira	0	0,0%
A picada maldita continua a fazer suas vítimas. Que tristeza! Quantos avisos foram dados, por bons médicos, mas os pais acharam melhor ouvir o JN, CNN, UOL... O tsunami já passou, mas as ondas começaram a chegar...	Fake News (correto)	5	71,4%
	Notícia Verdadeira	2	28,6%
Sensacionalista	Fake News (correto)	5	71,4%
	Notícia Verdadeira	2	28,6%
Simpsons	Notícia Verdadeira (correto)	4	57,1%
	Fake News	3	42,9%
Caixão é enterrado vazio durante a pandemia. A pandemia parece não ser tão letal assim. Acordem, meu IRMÃOS!	Fake News (correto)	6	85,7%
	Notícia Verdadeira	1	14,3%

FONTE – elaborada pelos autores, 2023.

336

De maneira geral, foi possível observar que os professores tiveram um desempenho melhor que os estudantes nas duas fases do experimento. Este resultado pode significar que os professores, embora sejam capazes de reconhecer e interpretar criticamente informações advindas de diferentes tipos de mídia, enfrentam dificuldade em passar este conhecimento didaticamente aos estudantes. Neste caso, outra vez a prática social do conhecimento adquirido – prerrogativa básica

da literacia – aparece como um desafio a ser enfrentado e trabalhado.

Além disso, foi notado que 40 estudantes da amostra total afirmaram que, apesar de terem recebidos os vídeos, não os assistiram. Para fins de análise, utilizou-se essas respostas como grupo de controle para complementar os resultados. Apenas dois professores responderam à segunda fase sem assistir aos vídeos. Devido à pequena amostragem, as respostas foram descartadas da análise final. A Tabela 10 apresenta o perfil dos estudantes.

Tabela 10. Perfil dos estudantes (grupo de controle)

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Ano do Ensino Médio	1º ano	10	25,0%
	2º ano	10	25,0%
	Sem informação	20	50,0%
Idade	15 anos	7	17,5%
	16 anos	6	15,0%
	17 anos	6	15,0%
	18 anos	1	2,5%
	Sem informação	20	50,0%
Cidade	Poços de Caldas	1	2,5%
	Bandeira do Sul	19	47,5%
	Sem informação	20	50,0%
Escola	E.E.Jose Bandeira de Carvalho	20	50,0%
	Sem informação	20	50,0%
Renda mensal da família	até R\$860	1	2,5%
	de R\$860 até R\$1.900	2	5,0%
	de R\$1.900 até R\$3.200	6	15,0%
	de R\$3.200 até R\$5.700	6	15,0%
	de R\$5.700 até R\$10.800	4	10,0%
	de R\$10.800 até R\$22.800	1	2,5%
	Sem informação	20	50,0%

FONTE – elaborada pelos autores, 2023

Já as respostas do grupo de controle são apresentadas na Tabela 11. Observa-se que a porcentagem de acertos desses estudantes variou

de 72,5% a 95,0%. Ou seja, o aproveitamento foi muito parecido em relação aos alunos que assistiram aos vídeos.

337



Tabela 13. Classificação realizada pelos alunos sobre as informações apresentadas (grupo de controle)

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Essa direita não para de passar vergonha. Querido pelo #genocida Bolsonaro, Trump ironiza presidente brasileiro e pergunta sobre dinheiro recebido pela esposa	Fake News (correto)	38	95,0%
	Notícia Verdadeira	2	5,0%
A verdade da preservação ambiental comparando o Brasil ao mundo. São fatos. Peço para enviar a amigos que morem no exterior. Presidente Jair Bolsonaro.	Fake News (correto)	29	72,5%
	Notícia Verdadeira	11	27,5%
60.000 Cientistas pedem o fim da vacinação. Informação foi publicada por jornais europeus e mostra os riscos que a vacina traz a nossa saúde.	Fake News (correto)	35	87,5%
	Notícia Verdadeira	5	12,5%

A picada maldita continua a fazer suas vítimas .Que tristeza !Quantos avisos foram dados, por bons médicos, mas os pais acharam melhor ouvir o JN, CNN, UOL... O tsunami já passou , mas as ondas começaram a chegar...	Fake News (correto)	37	92,5%
	Notícia Verdadeira	3	7,5%
Sensacionalista...	Fake News (correto)	30	75,0%
	Notícia Verdadeira	10	25,0%
Simpsons...	Notícia Verdadeira (correto)	31	77,5%
	Fake News	9	22,5%
Caixão é enterrado vazio durante ...	Fake News (correto)	35	87,5%
	Notícia Verdadeira	5	12,5%

FONTE – elaborada pelos autores, 2024

Finalmente, analisou-se as possíveis diferenças no desempenho dos respondentes (alunos e professores) em identificar e classificar as informações verdadeiras e falsas, entre escolas públicas e privadas. Também levou-se em conta a faixa de renda dos respondentes, com o intuito de verificar se também existiam possíveis diferenças. Ambas as hipóteses foram nulas, ao analisar as respostas da primeira fase.

Infelizmente, não foi possível utilizar o teste de hipótese para confirmar o possível impacto do vídeo em relação às respostas da segunda fase, com base nessas variáveis. Isso porque houve um desbalanceamento entre alunos provenientes das duas redes de ensino. Na primeira fase, por exemplo, foram 42 alunos de escolas públicas e 252 de escolas privadas. Tal cenário também foi semelhante na segunda fase, quando 187 respostas foram coletadas no total.

6. Considerações

O presente estudo teve o objetivo de analisar a habilidade de professores e alunos de Ensino Médio, de escolas públicas e privadas, em identificar desinformação, além do possível impacto que um conteúdo educativo poderia oferecer neste contexto.

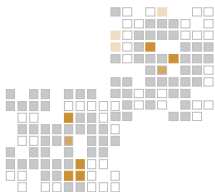
A busca por informações nas redes sociais se destaca como um padrão, entre alunos e professores. Por outro lado, a escolha por jornais

digitais, principalmente por parte dos professores (76,5%), evidencia a busca por fontes mais tradicionais e consolidadas. O aparente paradoxo entre a confiança atribuída à TV e o baixo índice de busca por informações nesse meio (42,5% dos estudantes e 58,8% dos professores) aponta para uma reflexão sobre os critérios de confiabilidade, sinalizando a complexidade das percepções sobre fontes de informação.

No que diz respeito à identificação de informações falsas por parte dos dois grupos, foram notadas diferenças no aproveitamento de acerto nas duas fases. Primeiramente, observou-se que tanto alunos quanto professores tiveram um aproveitamento melhor na segunda fase, após assistirem aos vídeos, com uma máxima de 91,4% e 100% respectivamente.

No entanto, ao analisar o grupo de controle, entre os estudantes – já que apenas dois professores optaram por não assistir aos vídeos, mas responderam o segundo questionário – notou-se também que o aproveitamento máximo dos alunos chegou a 95%, embora o aproveitamento mínimo tenha sido bastante semelhante (72,2% entre os que assistiram aos vídeos e 72,5% entre os que não assistiram).

O presente estudo reconhece suas limitações. Entre elas aponta a ausência de informações sobre o tipo de escola e a renda em uma parte da amostra (que optou por não declarar tais



informações), além da falta de pareamento entre as amostras coletadas nas primeira e segunda fases da pesquisa. Muito além de postular conclusões definitivas, compreendemos que a presente pesquisa serve como um panorama, até pelo seu teor descritivo, para futuras investigações.

Um fator relevante apontado por este estudo é justamente a complexidade que o fenômeno da desinformação traz para a contemporaneidade. Em primeiro lugar, foi possível demonstrar que apenas o contato com conteúdo educativo que trata sobre desinformação parece ser insuficiente para indicar a formulação de um pensamento mais crítico por parte das pessoas e evitar com que elas acreditem em informações falsas.

A questão parece escapar de uma simples explicação sobre o que é, como reconhecer e o que fazer ante uma informação possivelmente falsa. Uma das características da desinformação como epidemia da contemporaneidade é justamente a impossibilidade de reconhecer o que é informação real, da falsa.

Além disso, a colaboração entre educadores, pesquisadores e formuladores de políticas pode potencializar o impacto positivo dessas iniciativas, contribuindo para a formação de consumidores de informação mais conscientes e adaptáveis em um ambiente midiático digital em constante evolução.

Referências

ALLCOTT, H., GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ALVES, M. A. S.; MACIEL, E. R. H. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. *repositorio.ufmg.br*, 1 jan. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/44432>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BELLUZZO, R. C. B. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 6, n. 2, p. 27-42, 2005.

BOARINI, M.; FERRARI, P. A desinformação é o parasita do século XXI. *Organicom*, v. 18, n. 34, p. 37-47, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>. Acesso em: 17 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular: ensino médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In: XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIX ENANCIB). 2018.

CARVALHO, M. F. C. de; MATEUS, C. A. FAKE NEWS E DESINFORMAÇÃO NO MEIO DIGITAL: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16901>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CHAVES, M.; MELO, L. Educação midiática para notícias: histórico e mapeamento de iniciativas para combater a desinformação por meio da educação. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 13, n. 3, p. 62-82, 2019.

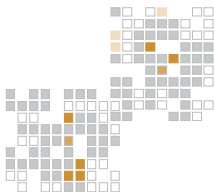
CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. *Comunicação & Educação*, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 2, p. 13-27, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v15i2p13-27. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/44821>. Acesso em: 6 ago. 2024.

CRARY, J. *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna*. [tradução T. Montenegro]. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

D'ANCONA, M. *Pós-verdade* [tradução Carlos Szlak]. - 1. ed. - Barueri: Faro Editorial, 2018.



- DE DEUS, D. Entre o Passado e o Presente: Contribuições Para Compreensão da Desinformação na Contemporaneidade a Partir de uma Perspectiva Historicizante. *Revista Comunicando*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e023018, 2023. DOI: 10.58050/comunicando.v12i2.359. Disponível em: <https://www.revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/359>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- DE DEUS, D.; CARLOS NOGUEIRA, A. . A identificação de fake news por alunos e professores: um experimento em escolas públicas no Brasil. *Culturas Midiáticas*, [S. l.], v. 16, p. 21, 2022. DOI: 10.22478/ufpb.2763-9398.2022v16n.61652. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/61652>. Acesso em: 7 ago. 2024.
- DE PAULA BRITO, V.; PINHEIRO, M. M. K. Poder informacional e desinformação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 8, n. 2, 2015.
- DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, [S.l.], v. 18, n. 32, p. 155-169, maio 2018. Disponível em: <<http://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/5682>>. Acesso em: 01 dez. 2023.
- DUDZIAK, E. A. Em busca da pedagogia da emancipação na educação para a competência em informação sustentável. *Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas*, 9, (1), 166-183, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1925>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- FALA VERDADE. Ariely Masetti. PUC Poços de Caldas: Agência Helvética, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=elpY00B3LN4&list=PLVKBK42DDUpAjxkeIAXUCW_1vbMcfh3Oi&pp=gAQBiAQB. Acesso em: 05 ago. 2024.
- FERRARI, P. Fake news, pós-verdade e o consumo de informações. In: XXVI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. Anais...São Paulo: Faculdade Cásper Líbero; 2017. Disponível em: www.compos.org.br/anais_encontros.php. Acesso em: 2 dez. 2023.
- GALLOTTI, M. M. C.; SANTOS, T. H. DO N.; DE SOUZA, J. A. Convergência entre a literacia informacional e a literacia midiática. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229415827.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2023.
- KANOZIA, R.; SASIDHARAN, D.; ARYA, R. Critical Media and Information Literacy to Combat Misinformation: Research Gaps and Future Directions. *Journal of Content, Community & Communication* Amity School of Communication. V. 16, 8, 2022 [ISSN: 2395-7514 10.31620/JCCC.12.22/15]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/366790181_Critical_Media_and_Information_Literacy_to_Combat_Misinformation_Research_Gaps_and_Future_Directions. Acesso em: 03 ago. 2024.
- KELLES, L. F. Informação, Mídia e Ciência em aulas de Biologia: uma análise de eventos de letramento em uma turma do 1º ano do Ensino Médio. 2023. 277 folhas. Dissertação (Faculdade de Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MARQUETTO, C. R. Distinguindo conceitos de educação para mídia: Alfabetização midiática como objetivo. *ECCOM*, v. 11, n. 22, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/586079419/Distinguindo-conceitos-de-educacao-para-midia-Alfabetizacao-midiatica-como-objetivo-ANOTADO2>. Acesso em: 17 mai. 2024.
- MARSHALL, Jonathan Paul. Desinformation Society, Communication and Cosmopolitan Democracy. *Cosmopolitan Civil Societies Journal*, v. 9, n. 2, 2017, p. 1-21. Disponível em: <https://eprints.lib.uts.edu.au/journals/index.php/mcs/article/view/5477>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000; Brasília: UNESCO, 2000
- PESQUISA. Professores, mídia e informação: o repertório de docentes para a prática da educação midiática. Instituto Palavra Aberta, 2022. Disponível em: <https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2023/04/Resumo-executivo-Pesquisa-EducaM%C3%ADdia-1.pdf>
- PÍCARO CERIGATTO, M. Promovendo a literacia midiática e informacional no contexto emergente da desinformação: proposta para o ensino fundamental. *Revista Observatório*, v. 6, n. 6, p. a4en, 1 out. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/10766>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- PINTO, M; PEREIRA, S.; PEREIRA, L.; FERREIRA, T. D. Educação para os media em Portugal: experiências, atores e contextos. Universidade do Minho, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2qWTqBV> Acesso em: 10 dez. 2023.
- PORTAS, I. A. Literacias para a mídia: um estudo bibliográfico sobre a fundamentação do conceito de educação midiática. In: Congresso Internacional Comunicação E Consumo. Disponível em: <https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/AFONSO-PORTAS.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- RIBEIRO, M. M., ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as notícias falsas. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, São Paulo, v. 15, n. 27, p. 71-83, 2018. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002993181>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- ROSA, R. M. Desinformação e pandemia. Porto, Portugal: Mediaxxi, 2021.



SERRANO, P. Desinformação: como os meios de comunicação ocultam o mundo. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros / Magda Soares. 2. Ed., 11. Reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SPINELLI, E. M.; SANTOS, J. DE A. Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação. *Mídia e Cotidiano*, v. 13, n. 3, p. 45-61, 5 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38112>. Acesso em: 13 mar. 2024.

TAN, E. G.; ANG, B. Clickbait: Fake News and Role of the State: RSIS – S. Rajaratnan School of International Studies, 2017. Disponível em: <https://www.rsis.edu.sg/rsis-publication/cens/co17026-clickbait-fake-news-and-role-of-the-state/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

TAVARES, L. P.; SILVA, G. de S.; OLIVEIRA, D. L. de. Checagem de fatos no Twitter: desinformação nas eleições do Brasil em 2022: DISINFORMATION IN THE 2022 BRAZILIAN

ELECTIONS. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S. l.], v. 21, n. 47, 2023. DOI: 10.5902/2175497772251.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72251>. Acesso em: 14 dez. 2023.

TIC KIDS, Online Brasil. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil, 2022. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20230825142135/tic_kids_online_2022_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 14 dez. 2023.

TROPIANO, L. MOOC de literacia midiática e informacional no contexto da desordem da informação. *#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas*, v. 10, n. 1, 2021. DOI: 10.35819/tear.v10.n1.a5075. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/5075>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Artigo recebido em 18/03/2024 e aceito em 08/08/2024.

